

# **A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

BORGES, Juliana Flávia

ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

## **RESUMO**

Este trabalho científico tem como desígnio abordar a importância e relevância da afetividade para os alunos no processo de ensino aprendizagem, pois age de maneira positiva na vida educacional, podendo proporcionar ao aluno um novo aspecto na sua vida pessoal, preparando-o para diversos desafios e dificuldades que venham surgir no seu cotidiano. Ao decorrer do trabalho explora-se acerca da afetividade voltada para o contexto escolar, além da afetividade na capacitação do docente e a sua relação com a motivação e inteligência emocional. Outro ponto inserido no trabalho é, a relação de afetividade que a criança ou adolescente recebe em casa, dos pais ou de outras pessoas do seu meio social. Através do afeto, o educando consegue todas as condições necessárias para se sentir seguro e protegido, sendo que esse processo é realizado aos poucos, fazendo com que o mesmo consiga se desenvolver melhor com o passar do tempo. De tal modo, para que tenha um desenvolvimento proveitoso e adequado dentro do ambiente escolar é indispensável estabelecer afinidades positivas, para se alcançar os objetivos educativos. Dessa forma, para o desenvolvimento do seguinte trabalho, foram coletadas e reunidas informações de trabalhos acadêmicos, revistas e demais meios informativos a respeito do processo educacional e a afetividade inserida nesse método de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Educação. Afeto. Aprendizagem.

## **1 INTRODUÇÃO**

As relações humanas, sejam elas boas ou ruins, são de fundamental importância para a vida em sociedade. O homem, por natureza, sente a necessidade de conviver com outros seres humanos. Ao estabelecer tais relações, criam-se vínculos afetivos que podem interferir na qualidade de vida e no desenvolvimento dos indivíduos que se relacionam. As relações sociais estão presentes nos âmbitos acadêmicos, pessoais e profissionais, existe inclusive o vínculo criado entre professor e aluno e é este o objetivo de nosso estudo.

De acordo com a Bezerra (2006) a afetividade é o agrupamento de acontecimentos que se apresentam por meio de emoções, sentimentos que podem

ser positivos ou negativos, como a tristeza ou alegria, satisfação ou insatisfação, entre outros. Portanto, podemos afirmar que a afetividade é de suma importância para todas as pessoas, inclusive no contexto escolar, influenciando de forma direta o comportamento de todos os agentes envolvidos nesse processo.

A esse respeito, renomados estudiosos da psicologia pesquisaram sobre a afetividade, como Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky, em seus estudos eles deram ênfase no papel da afetividade no processo educativo. Piaget defende que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência, e se relaciona com o interesse, necessidades, motivação, interrogações, ou seja, sem afeto nada disso existiria o que leva a concluir que o afeto é parte constituinte da inteligência (BEZERRA, 2006).

Vygotsky afirma que a construção do conhecimento acontece através da interação com o meio e além da importância da socialização no processo de construção do conhecimento a afetividade tem o papel elementar na construção do próprio indivíduo e suas ações. Vygotsky também fala da postura do professor no processo de educação. “O professor deve ser como os trilhos pelos quais avançam livres e independentes dos vagões, recebendo deles apenas a direção do próprio movimento” (VYGOTSKY, 2003 p. 75). Percebe-se então a importância da mediação do professor possibilitando que os alunos sejam autônomos e independentes.

Piaget salienta que sem o afeto é impossível desenvolver o processo de construção da inteligência do ser humano. Para ele, um aluno que não se envolve afetivamente durante seus estudos não se interessa nem se motiva para aprender. Já para Vygotsky os benefícios da afetividade vão além do campo acadêmico, ele defende que ela é importante como pilar na construção da personalidade individual do sujeito. Entretanto, os discursos dos dois autores evidenciam a importância indiscutível da afetividade nos processos educacionais de maneira semelhante.

O artigo se desenvolverá em forma de uma revisão bibliográfica, reunindo informações em revistas, publicações de artigos acadêmicos, livros, entre outros meios informativos, a respeito da afetividade no processo de ensino escolar, buscando mostrar como o afeto influencia positivamente no desenvolvimento do educando. Dessa forma, irá abordar sobre a afetividade na aprendizagem, a afetividade e sua importância para a formação do professor e a sua relação com a motivação. Em seguida será feita uma breve discussão acerca do que foi apresentado.

## 2 A AFETIVIDADE

### 2.1 Afeto

Com os estudos realizados acerca da afetividade, é difícil defini-la com um termo que designe seu real significado. Genericamente, afetividade é a característica de quem é afetivo, amoroso, carinhoso, e que age com simpatia. A afetividade desempenha uma função importantíssima em todas as relações, além de influenciar inevitavelmente a percepção, a emoção, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, tornando-se, um elemento indispensável da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

Sabendo que a criança é um ser completo que apresenta vontade de brincar, falar e se expressar pelos estímulos do meio, isso faz com que a presença dos sentimentos seja indispensável no ambiente onde ele está. Sendo assim, na instituição de Educação Infantil a presença de afeto é indispensável, uma vez que precisa existir a presença da afetividade e adultos afetivos, de maneira que contribuam para o desenvolvimento da criança; sendo necessário que o adulto apresente sentimentos afetivos para com as crianças, para que elas sintam-se seguras, para se expressarem e se desenvolverem. (SILVA, 2014, P. 9).

A afetividade é uma noção de grande valor pedagógico. Etimologicamente se deriva do grego. Se a simpatia é sentir; com a afetividade é sentir desde dentro, porque há uma compenetração, adentro no outro, sem deixar de ser eu mesmo e me identifico com ele.

A afetividade é uma característica fundamental no estudo da conduta humana. Foi em começos do século XX quando se começou a utilizar o termo dentro do âmbito da Psicologia, para ir estendendo-se posteriormente em outros âmbitos científicos. Dando lugar para que se postulassem diversas teorias e explicações referidas aos elementos que a compõe ou a tratar de estabelecer seu próprio funcionamento (LÓPEZ, FILIPPETTI, RICHAUD, 2013).

Fernández, López e Márquez (2008) recorrem as considerações de diversos autores em relação a existência de dimensões empáticas (MILL, 1984; SMITHER, 1977; GLADSTEIN, 1983), assim a afetividade composta de aspectos cognitivos e afetivos estabelecem uma visão integradora.

Esse novo enfoque surgiu nos anos de 1980 promoveu a realização de diversos estudos dirigidos a evidenciar a relação entre estes componentes, cognitivos e

afetivos. Dessas investigações foram obtidos resultados dispares, em alguns casos se constatava esta relação e em outra sua independência. Desde um ponto de vista multidimensional, ao abordar a análise da afetividade há que se ter em conta diversos componentes como os cognitivos e emocionais, já que estes se relacionam com a conduta psicossocial.

Alguns autores como Carlo, Rafaelli, Laible y Meyer (1999), Richau de Minzi, Lemos e Mesurado (2011), abordam que os indivíduos com maior afetividade para com os outros são menos agressivos uma vez que compreendem as consequências negativas destas ações para si mesmos e para os demais, portanto, a afetividade se relaciona positivamente com a conduta psicossocial. Enquanto as diferenças de sexo, as mulheres manifestaram menores níveis de agressividade e maior disposição empática.

Enquanto isso, Hoffman (1991) aborda que a afetividade se trata de um processo motivacional que conduz a pessoa a prestar sua ajuda à resolução do problema do outro. Perceber pode não ser suficiente, já que se requer conhecer as outras pessoas e não realizar somente suposições. Portanto, uma de suas considerações mais importantes é a de que a integração do afeto e da cognição no processo de afetividade com uma matriz evolutiva. Que uma experiência empática tenha maior ou menor qualidade variará em função das atribuições pessoais que cada indivíduo estabeleça de maneira espontânea frente ao mal-estar ou bem-estar de outros. Hoffman trata de estabelecer a relação consistente entre o afeto e a cognição afirmando que:

“Meu argumento é que um princípio moral pode converter-se em algo mais que uma abstração e pode realmente passar a formar parte do sistema de motivos morais do indivíduo se está carregado de afeto empático” (Hoffman, 1991, p.108).

Genericamente, afetividade é a característica de quem é afetivo, amoroso, carinhoso, e que age com simpatia. A afetividade desempenha uma função importantíssima em todas as relações, além de influenciar inevitavelmente a percepção, a emoção, a memória, a autoestima, o pensamento, a vontade e as ações, tornando-se, um elemento indispensável da harmonia e do equilíbrio da personalidade humana.

A afetividade impulsiona a autoconfiança, o apoio mútuo, o desenvolvimento e também age beneficemente na saúde do corpo e da mente. Deste modo, a afetividade ajuda as pessoas a levar a vida com mais amabilidade, a fim de fortalecer o relacionamento com as outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo ao seu redor (ALMEIDA, 2008).

Além disso, a afetividade é a conduta que nos tornam mais humanos e nos comporta criar laços que tornam a vida mais expressiva. Conseqüentemente, devemos lembrar sempre de zelar pelos vínculos afetivos, conversar, elogiar, demonstrar o que sente, apoiar, concordar, discordar, respeitando claro a opinião alheia e se relacionar, são atitudes que nos permite conservar relações afetivas (ALMEIDA, 2008).

Nos dias atuais, muito se tem discutido com relação a educação emocional, principalmente quais seriam suas contribuições para o ambiente escolar. Com estudos feitos em relação a isso podemos notar que ela é capaz de contribuir de diversas formas na vida do indivíduo e no processo ensino –aprendizagem. Tendo em vista, que afetividade está intimamente ligada com as emoções do sujeito.

A educação emocional desenvolve um indivíduo crítico, independente e responsável. Ela possui a necessidade de transpassar todos os momentos do desenvolvimento da vida da criança, em qualquer lugar ou período que ela esteja, ela evolui como ser humano por meio de suas experiências vividas, a afetividade deve estar presente em todos os momentos. Ela também possui grande desempenho no processo de desenvolvimento da personalidade de uma criança, e é formada a partir da atuação do meio social em que se está inserida, pois assim como a inteligência ela é arquitetada ao longo de uma história podendo se transformar de um período a outro (PAUS, 2013).

A família é o primeiro grupo social do qual fazemos parte ao nascer, este grupo ajuda a formar o indivíduo no aspecto social, cultural e religioso. Nele aprendemos, interagimos e obtemos as primeiras relações afetivas, desempenhando diversos sentimentos e emoções, no seio familiar nos sentimentos acolhidos, e seres pertencentes de um determinado meio. Neste grupo social encontramos amor, afeto, compreensão, acolhimento e estes sentimentos e forma como lidamos com estes sentimentos moldam nosso caráter e determinam a forma como vemos o mundo ao

nosso redor, além da maneira como desenvolvemos outras relações interpessoais (ALMEIDA, 2008).

Quando a criança não obtém afetividade e boas relações com a instituição chamada “família”, desencadeia diversos problemas com relação ao desenvolvimento pessoal e social. Desta forma, conseqüentemente afetará no desenvolvimento escolar dos alunos e nas relações com outros indivíduos no ambiente escolar. É importante salientar que a afetividade na construção do “EU”, afetará diretamente na construção das relações sociais que o indivíduo desempenhar ao longo da vida (PAUS, 2013).

Diante do exposto, podemos notar como a educação emocional é relevante e importante no âmbito escolar, tendo em vista, que a escola é um ambiente que oferece diversas relações sociais, assim podemos ressaltar a relevância da escola e do professor. Assim sendo, estes têm por desígnio maior desenvolver no aluno além das competências e habilidades, a capacidade de desenvolver boas relações sociais. Pois, tanto a escola quanto o professor possuem a função de agente transformador, contribuindo na formação social de seus alunos (ALMEIDA, 2008).

A educação emocional impulsiona a autoconfiança, o apoio mútuo, o desenvolvimento e também age beneficemente na saúde do corpo e da mente. Deste modo, a afetividade ajuda as pessoas a levar a vida com mais amabilidade, a fim de fortalecer o relacionamento com as outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo ao seu redor (OLIVEIRA, 2013).

De acordo com Formiga (2012, p. 2), a afetividade do ponto de vista filosófico é uma fusão de um indivíduo ou objeto com outro; do ponto de vista psicológico pode ser definida como uma experiência cuja emoção sentida se aproxima da emoção que é sentida pelo outro. A afetividade, do ponto de vista social, é uma característica que auxilia na construção do ser humano, voltada para a ajuda, o apoio ao outro, a cumplicidade.

Como quer que seja, estamos de frente a um constructo de grande transcendência nas relações humanas, cujas implicações se deixam sentir em todos os âmbitos: família, escola, trabalho e sociedade. A afetividade permite experimentar de forma intensa os estados emocionais de outras pessoas e é crucial em muitas formas de interação social e adaptativa (MOYA-ABIOL, HERRERO Y BERNAL, 2010, p.89). Na verdade, a afetividade é o ponto de partida das relações sociais positivas e ainda do altruísmo.

A afetividade pode localizar-se no terreno da inteligência afetiva (MARTÍNEZ-OTERO, 2009, p.85-86). Não em vão, a captação da realidade, fruto da imbricação e equilíbrio de processos cognitivos e emocionais, permite identificar e falar em uma estrutura cognitivo-afetiva, na qual a afetividade ocupa um lugar central. Um aspecto que nos parece muito positivo é que se vincule a afetividade com o desenvolvimento moral. A natureza da inteligência afetiva – e em seu seio a afetividade – é rica em extremo e explica, por exemplo, aspetos como a organização axiológica da realidade, a busca da verdade e do bem, etc. Vale recordar a este respeito a falta de afetividade na psicopatia (transtorno antissocial de personalidade), a pessoa com este diagnóstico carece de inteligência afetiva e instrumentaliza as pessoas.

Seja como for, o enlace entre o sistema cognitivo-afetivo e a moral não se conhece totalmente e convém seguir impulsionando a investigação encaminhada para seu esclarecimento, algo que por acaso de solidez a para o que se denominou como “atitude moral” (MARTÍNEZ-OTERO, 2009, p. 6). Como bem apontam Mestre, Pérez Delgado y Samper (1999, p.253-254), as duas teorias psicológicas sobre moral dominantes nas últimas décadas: a teoria do desenvolvimento cognitivo de Kohlberg e a teoria afetiva de Hoffman, destacam os processos mais influentes sobre a conduta moral e o desenvolvimento moral. Por suposto, cabe adotar uma posição integradora e superadora, tal como diz Gibbs (2010), com quem nos aproximamos.

No âmbito da neurofisiologia, estão sendo feitas pesquisas sobre os “neurônios espelhos”, um tipo de neurônios viso-motor que dispara quando o animal realiza alguma ação ou quando observa alguma ação sendo realizada. Os estudos realizados em animais e humanos tem indicado uma combinação de ativação do neurônio entre observação e execução da ação. As hipóteses geradas em torno dessas descobertas têm indicado que compreendemos uma ação quando mapeamos a representação visual da ação que foi observada na representação motora. No âmbito da afetividade e decisões morais, estas descobertas têm sido de grande interesse (PASSOS-FERREIRA, 2011, p. 475).

Desde uma perspectiva prática, a afetividade demanda cada vez mais atenção. Não em vão, a afetividade pode ser relevante em aspectos tais com o trabalho em equipe, o trato que se dispensa as pessoas até em seu rendimento de trabalho. No âmbito concreto dos profissionais educativos resulta inegável que pedagogos, pais e educadores de todos os níveis devem acreditar em um nível empático suficiente que

lhes permita compreender aos alunos e, chegado o caso, também a familiares e colegas, até o que se mostra uma atitude de diálogo e sintonização chaves nas relações inter-humanas e em todo o processo educativo.

A afetividade impulsiona a autoconfiança, o apoio mútuo, o desenvolvimento e também age beneficentemente na saúde do corpo e da mente. Deste modo, a afetividade ajuda as pessoas a levar a vida com mais amabilidade, a fim de fortalecer o relacionamento com as outras pessoas, consigo mesmo e com o mundo ao seu redor.

Além disso, a afetividade é a conduta que nos tornam mais humanos e nos comporta criar laços que tornam a vida mais expressiva. Consequentemente, devemos lembrar sempre de zelar pelos vínculos afetivos, conversar, elogiar, demonstrar o que sente, apoiar, concordar, discordar, respeitando claro a opinião alheia e se relacionar, são atitudes que nos permite conservar relações afetivas.

Nos dias atuais, muito se tem discutido com relação a afetividade, principalmente quais seriam suas contribuições para o ambiente escolar. Com estudos feitos em relação a afetividade podemos notar que ela é capaz de contribuir de diversas formas na vida do indivíduo e no processo ensino –aprendizagem. Tendo em vista, que afetividade está intimamente ligada com as emoções do sujeito.

## **2.2 A afetividade na aprendizagem**

Nos profissionais da educação a afetividade é fundamental. Faz anos que a professora Repetto (1977) se interessou pela transcendência da compreensão empática no processo orientador, processo que, em rigor, há de advertir-se em toda educação integral.

A única maneira genuína e fecunda de promover no desenvolvimento pessoal desde as instituições educativas passa por criar um ambiente de cordialidade e confiança que permita ao educando sentir-se aceito, valorizado e seguro. Em toda reação pedagógica a afetividade assume um papel relevante, por ser dimensão facilitadora da melhora da personalidade.

Sem sintonização, aceitação, respeito, consideração e cuidado das pessoas, a formação torna-se interrompida. Assim, pois, a demanda por afetividade na educação não corresponde ao capricho ou a frivolidade, mas sim com o fato incontestável de que o educando necessita compreensão. Goleman (1997, p.171) disse com toda

razão que a falta de sintonização na infância pode ter elevado custo emocional, perceptível inclusive na vida adulta. O que cabe agregar que também pode ser muito negativo é a insuficiência empática com contornos educativos na forma como se trabalha com adolescentes, jovens, inclusive com adultos.

Um marco educativo pouco propício para a sintonia, a participação e o diálogo empurram os alunos para a despersonalização, penoso processo entremeado de estranheza, inquietação, estranhamento. Os alunos com deficiência, imigrantes e escolares pertencentes a minorias étnicas são alguns dos alunos que mais armadilhas encontram no recinto escolar. Um centro educativo desprovido de uma relação cálida, hospitalidade e afetividade impregna negativamente aos alunos, os enfraquece e os apequena.

A afetividade permite acercar-se do outro, sintonizar-se com ele e, portanto, é um aspecto chave na relação educativa. Favorece o que podemos chamar de aliança educativa entre professor e aluno. A educação, de fato, é um processo de natureza relacional no qual a afetividade assume grande importância tanto na construção de significados compartilhados, como na aproximação, o encontro, a compreensão e na mudança pessoal.

A constatação de que em alguns alunos a satisfação de fracasso é consequência de deficiências comunicativas com os professores, convida a consignar que todo pedagogo/educador deve adquirir de modo teórico-prático durante seu período de formação uma competência cognitivo-emocional básica que lhe permita manejar e canalizar adequadamente o acontecimento relacional durante o processo educativo, sobre tudo em etapas e situações críticas.

Não se trata, nem muito menos, de que os docentes sejam psicólogos, mas sim que adquiriam a afetividade e as habilidades comunicativas necessárias para desenvolver seu trabalho em contextos heterogêneos e em situações eventualmente difíceis. Todo pedagogo/educador é chamado a afirmar seu educando. Em lugar de problematizar os alunos, se trata de sintonizar-se com eles.

O professor e o pedagogo têm de ter cuidado especial para não se acomodar na posição de poder que sua profissão lhe oferece. Deixar-se arrastar por sentimentos de superioridade conduz a desfocar a própria imagem e conseqüentemente a dos alunos, que definitivamente estão instalados em posições inferiores. Nestes casos, é possível que se tenha ganhado em ego profissional, mas se perde em qualidade

relacional e formativa. A auto idealização responde, sobretudo, à necessidade de compensar carências pessoais. A máscara de arrogância, orgulho e dominação afasta o professor de seus alunos.

As relações educativas requerem a busca de uma distância interpessoal ótima, variável segundo as situações e igualmente atenta a necessidade de afiliação do educando e ao seu processo de individuação. Qualquer aproximação deve realizar-se com tato. A comunicação educativa deve ser instrutiva e orientadora, cognitiva e emocional, quer dizer, plena. Deste modo, a relação educativa cumpre a dupla exigência de ensinar e de deixar sua marca na personalidade do educando. Não em vão, se comunica algo a alguém.

O pedagogo ou educador que adota frente ao educando uma atitude empática abre as portas para o diálogo, a participação e a cordialidade. Uma postura psicológica assim favorece a personalização educativa, pois nela se adverte a saudável preocupação por cada educando, com atenção a sua singularidade. Nesta atenção empática assume também grande importância a prudência, que há de refletir-se, por exemplo, em palavras e ações cuidadosas, que tenham a melhor influência possível no educando.

Há orientadores e educadores incautos que problematizam desnecessariamente os alunos, dando a entender que não tem possibilidade de melhorar o que cometeram como uma falta grave que não tem perspectiva de solução. É preciso evitar os juízos muito negativos que podem impedir os freios ao desenvolvimento pessoal, sim que se suponha, claro está, aceitação de todas as condutas.

Assim, pois, no que se refere aos profissionais da educação, reivindicamos a partir destas linhas uma formação integral na qual junto a dimensão técnica, se tenha em conta a vertente humana e, em concreto, aspectos de índole emocional e moral como os que estamos abordando.

Além disso, a afetividade é a conduta que nos tornam mais humanos e nos comporta criar laços que tornam a vida mais expressiva. Consequentemente, devemos lembrar sempre de zelar pelos vínculos afetivos, conversar, elogiar, demonstrar o que sente, apoiar, concordar, discordar, respeitando claro a opinião alheia e se relacionar, são atitudes que nos permite conservar relações afetivas.

### **2.3 A escola de antigamente e o desprezo pelo afeto**

Por muitos anos a afetividade dentro do contexto escolar foi ignorada, pois, a questão afetiva foi desprezada em função de toda a história da Psicologia que durante muito tempo priorizou o aspecto cognitivo. Anteriormente, havia valorização apenas da razão e da ciência, neste contexto as correntes teóricas não condicionavam a afetividade ou afeto como parte relevante no processo de ensino e aprendizagem.

Só a partir da década de 1970 os primeiros estudos com relação a emoção foram surgindo. Desta forma, a afetividade dentro do contexto escolar é um tema bastante recente. Wallon foi o primeiro teórico a abordar a afetividade dentro âmbito escolar.

Para esse autor, o termo afetividade diz respeito às primeiras expressões de sofrimento e de prazer que a criança vivencia, constituindo essas vivências afetivas o primeiro estágio de totalidades afetivas, de base orgânica. Ao se desenvolver, a afetividade passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio em que a criança está inserida, tanto que este autor defende uma evolução progressiva da afetividade, cujas manifestações vão se distanciando da base orgânica, e tornando-se cada vez mais relacionadas ao social (WALLON, 1941/2007).

Wallon (1986), o autor ainda diz, que a composição biológica da criança, ao nascer, não determinará sua vida e trajetória, pelo contrário, ao fazer suas escolhas pessoais e experimentar as emoções e sentimentos ao longo da vida ela formará suas próprias convicções e credos. Desta maneira, seu desenvolvimento enquanto ser humano não depende das potencialidades genéticas, e sim do meio social em que ela interagirá, formando modificações genotípicas. As emoções são externalizações da afetividade que recebemos desde que nascemos.

### **2.4 A educação bancária e o pensamento de Paulo Freire**

Freire (1987, apud DREYER, p. 3591) descreve uma concepção sobre a educação bancária, que se trata de uma crítica ao método de educação utilizado no sistema capitalista:

O educador é o que educa; os educandos, os que são educados; o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem; o educador é o que pensa; os educandos, os pensados; o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos,

os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele; o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos (DREYER, 1987 p. 3.591).

Este pensamento é uma crítica ao sistema de educação onde o educador é compreendido como a pessoa que exerce um poder sobre o aluno, baseada em princípios de dominação e domesticação. Neste modelo, o educador impõe o conhecimento ao educando, de forma a não permitir os espaços de reflexão e construção do conhecimento, formando pessoas alienadas (DREYER, 2011).

Desta forma é possível perceber que a opressão é a base da concepção bancária da educação e contraria o conceito de educação libertadora, defendida por Paulo Freire (DREYER, 2011).

Freire (1987) explicita em suas obras sua preocupação com a natureza humana, e suas teorias se pautam na defesa dos interesses humanos; o autor nega quaisquer teorias que não considere os homens como sujeitos ativos e capazes de criar história e por ela serem feitos, como seres que podem tomar decisões, realizar rupturas, seres que podem optar por uma entre várias opções. Paulo Freire considera que o homem é um sujeito ético, apesar de sua capacidade de transgredi-la.

Isso é o que define o conceito de educação bancária; na qual o aluno não se faz um sujeito ativo de sua educação, e seu espaço de ação transita apenas entre receber os conteúdos, memoriza-los e arquivá-los; Freire (1987), nesta concepção, relaciona o aluno como um colecionador.

Entretanto, o autor coloca que nesta metodologia de educação, o homem acaba sendo colocado de fora da práxis, acaba ele mesmo sendo “arquivado”; nesta metodologia, o ambiente educacional não promove espaço para o desenvolvimento da criatividade, não permite uma transformação ou a construção de saber. O saber se constitui no ato de inventar e reinventar, no processo de buscar, questionar, e estas ações são necessárias para que o homem se coloque e se relaciona com o mundo e com os outros (FREIRE, 1987).

Na concepção bancária, a transmissão de saber é compreendida como uma doação daqueles que se julgam sábios àqueles que julgam não saber. Este tipo de concepção tem em sua base a ideologia da opressão. Desta forma, os educadores se

fixam no papel de sábios, e não saem de lá, eles serão sempre aqueles detentores do conhecimento, e os educandos serão sempre aqueles que nada sabem, constituindo uma alienação da ignorância, ou como o autor chama uma absolutização da ignorância. Estas relações rígidas tiram do conhecimento o caráter de um processo de busca (FREIRE, 1987).

O educador se põe frente aos educandos como sua antinomia necessária. Reconhece, na absolutização da ignorância daqueles a razão de sua existência. Os educandos, alienados, por sua vez, à maneira do escravo na dialética hegeliana, reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador, mas não chegam, nem sequer ao modo do escravo naquela dialética, a descobrir-se educadores do educador (FREIRE, 1987, p.34).

Freire (1987) acredita que a educação libertadora, a qual defende, se dá pela superação desta contradição entre educador e educando, de forma que ambos incorporem ao mesmo tempo os dois papéis, de educador e educando, no processo de ensino-aprendizado. A concepção bancária da educação, impede esta superação, colocando cada um em um papel estático e não maleável, colocando o conhecimento como valores pré-estabelecidos a serem transmitidos de forma sistemática aos alunos, afirmando e contribuindo cada vez mais para uma “cultura do silêncio”, estimulando que esta contradição seja mantida (FREIRE, 1987).

## **2.5 Afetividade na prática docente**

A afetividade só é incitada por meio da vivência, na qual o professor-educador institui em um vínculo de afeto com o estudante. A criança precisa de equilíbrio emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto sem sombra de dúvidas é uma maneira eficaz de se chegar perto do educando e a ludicidade, em parceria, é também um caminho para estimular e enriquecer, para que se atinja uma totalidade no processo do aprendizado efetivado (ALMEIDA, 2008).

A escola é um ambiente com uma diversidade muito grande, no que diz respeito, aos valores, crenças, experiências, culturas, personalidades e relações sociais que se unificam e formam um cotidiano escolar repleto de conhecimento. No entanto, para que esse conhecimento se concretize realmente, é necessário que toda a comunidade esteja em harmonia e envolvimento, principalmente os educadores, valorizando as emoções das crianças no âmbito da sala de aula (ALMEIDA, 2008).

Muitas vezes, o educador preocupa-se em levar o conhecimento para o aluno de forma metódica e sistemática, levando em consideração apenas, em repassar o conhecimento, considerando apenas a absorção e armazenamento das informações, entretanto, o processo de ensino-aprendizagem vai muito além de armazenamento de conhecimento, a aprendizagem envolve compreensão, estratégias de ensino dinâmicas, métodos atrativos e de fácil entrada ao mundo infantil. O papel do educador é mediar a aprendizagem, de forma que o aluno possa partilhar ao mesmo tempo suas experiências e seus conhecimentos prévios.

Além de que, muitos alunos vivem em um ambiente familiar muitas vezes desestruturado e com carência de carinho e atenção, fazendo com que esse indivíduo se encontre em uma situação de vulnerabilidade, podendo torna-se uma pessoa violenta, rancorosa, com instabilidade emocional e com baixa autoestima. Neste cenário podemos notar, que a afetividade não deve ocorrer apenas nas séries iniciais, como também no ensino fundamental, tendo em vista, que todo ser humano necessita de atenção, afeto, acolhimento e empatia (LIBÂNEO, 1994).

Diante do exposto, vemos que as práticas pedagógicas devem estar de acordo com as individualidades da criança levando em conta, que são sujeitos sociais, e há uma necessidade de se fazer um trabalho pedagógico que contemple essas interfaces, bem como, que contemplem formas que levem a criança por caminhos que a conduza a se tornar um indivíduo autônomo e que exercite sua cidadania (ALMEIDA, 2008).

O papel do professor como parceiro social da aprendizagem está diretamente ligado à adoção de práticas pedagógicas que objetivem respeitar o conhecimento prévio de seus alunos, pois entende que nenhum aluno é uma folha em branco, pelo contrário, todos têm impressões diferentes, que somadas formam um aglomerado de conhecimentos.

Por muitos anos a afetividade dentro do contexto escolar foi ignorada, pois, a questão afetiva foi desprezada em função de toda a história da Psicologia que durante muito tempo priorizou o aspecto cognitivo. Anteriormente, havia valorização apenas da razão e da ciência, neste contexto as correntes teóricas não condicionavam a afetividade ou afeto como parte relevante no processo de ensino e aprendizagem (ALMEIDA, 2008).

Só a partir da década de 1970 os primeiros estudos com relação a emoção foram surgindo. Desta forma, a afetividade dentro do contexto escolar é um tema

bastante recente. Wallon foi o primeiro teórico a abordar a afetividade dentro âmbito escolar.

Wallon (1995), ainda diz, que a composição biológica da criança, ao nascer, não determinará sua vida e trajetória, pelo contrário, ao fazer suas escolhas pessoais e experimentar as emoções e sentimentos ao longo da vida ela formará suas próprias convicções e credos. Desta maneira, seu desenvolvimento enquanto ser humano não depende das potencialidades genéticas, e sim do meio social em que ela interagirá, formando modificações genotípicas. As emoções são externalizações da afetividade que recebemos desde que nascemos.

## **2.6 O caso do Bullying em adolescente e sua relação com a afetividade**

O fenômeno do bullying foi objeto de estudos durante a última década por muitos autores (BEIGHTOL, JEVERTSON, GRAY, CARTER Y GASS, 2009; CORREIA Y DALBERT, 2008). Desde estes estudos se constatou que existem três personagens sociais nesse tipo de interação, a vítima, o agressor e o observador.

Em relação a afetividade e a competência social podem ser consideradas características do bullying da seguinte maneira. Os agressores mostram de maneira característica um funcionamento social pobre e uma capacidade insuficiente para adaptar-se de maneira efetiva ao âmbito escolar.

Mostram comportamentos agressivos, impulsivos, dominância, sentimento de culpa (ainda que sejam hábeis em culpar o outro) e vergonha, ademais de receber menos apoio por parte dos adultos. Seus âmbitos familiares se caracterizam por um estilo de criação autoritário, no qual os pais não são bons transmissores de modelos afetivos para resolver conflitos, são permissivos e, comumente estão instalados ao castigo físico e a impulsividade (MENESINI; CAMODECA, 2008).

As adolescentes vítimas de bullying mostram um complexo com seu tipo físico, ser de um ou outro sexo e inclusive de maneira ocasional pode ter uma “desvantagem” física. Os traços mais característicos de sua personalidade são o distanciamento social e a timidez (CEREZO, 2001) e podem padecer em silêncio. Ser adolescente e vítima de bullying pode afetar diretamente o seu bem-estar psicológico.

O terceiro personagem identificado é o observador, que tal como reconheceu Rodriguez et al., (2008), se caracterizam em seus traços de personalidade por comportamentos de inibição frente a agressividade, evadindo-se delas. Desta maneira

permite as situações de abuso e converte-se em cúmplice tanto do ocoaso como da vítima que padece.

Frente a esse cenário, destacamos que o bullying é um fenômeno multicausal e para alcançar uma compreensão do fenômeno é necessário estudá-lo desde a perspectiva teórica cognitivo-relacional e empática, tendo em conta a relação com o grupo de iguais e as características individuais do sujeito (ORTEGA, MORA, 2001). Não se pode limitar se estudo a aparição de certas condutas, a falta de habilidades sociais ou uma deficiente competência social. É fundamental o trabalho que se desempenhe nessa linha desde a instituição educativa, a partir de uma lógica empática (BALLESTER, CALVO, 2007) como uma agência facilitadora de aprendizagem e convivência para todos os alunos. Por isso a escola deve ser capaz de atender aos elementos organizativos e curriculares para que favoreçam a integração social e uma adequada atenção educativa ao aluno.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Caracterização do estudo**

O seguinte estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica que teve como objetivo obter um levantamento da literatura existente acerca da importância da afetividade na evolução e desenvolvimento da criança e adolescente, quando inserida na relação entre professor e aluno, assim como a sua contribuição no processo de ensino aprendizagem na educação escolar.

#### **3.2 Processo**

A pesquisa foi realizada através de levantamentos bibliográficos, desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituído principalmente de livros, revistas, artigos científicos, teses e monografias. Outra forma de pesquisa utilizada, foi por busca de palavras chaves relacionadas com o tema do seguinte trabalho.

A partir desse processo de coleta de dados e informações, foram identificados estudos com base nos títulos e desenvolvimento mais parecidos com o seguinte estudo, após a análise de todas as publicações escolhidas o trabalho pôde ser

confeccionado reunindo as informações mais relevantes contidas em cada um dos trabalhos escolhidos para pesquisa.

### **3.3 Resultados das pesquisas**

Como o seguinte trabalho busca entender a importância da afetividade no desenvolvimento do aluno, seus resultados serão expressos de forma qualitativa, mostrando o quanto a afetividade pode mudar a vida de uma criança ou adolescente para melhor, e melhorar no desenvolvimento pessoal, emocional e afetivo.

## **4 CONCLUSÃO**

A título de conclusão, a afetividade é fundamental em todo processo educativo e orientador. Por isso mesmo, deve-se contemplar seu cultivo nos programas de formação pedagógica para professores e educadores sociais/populares. A investigação nos permitiu delimitar duas noções que, até onde temos investigado, são novas: estilo educativo empático subjetivo e estilo educativo empático objetivo, conceitos sobre os que seria desejável que se realizassem mais estudos. Estes estilos, sem ser exclusivos de um gênero, devem ser investigados para mulheres e homens.

No campo da educação, qualquer que seja o estilo empático predominante em um profissional da educação, o importante é que se mantenha um equilíbrio entre o vértice cognitivo e afetivo, assim como deve-se notar a “distância educativa ótima”. Às vezes inclusive procederá uma alternância ou, melhor ainda, uma síntese superadora dos estilos apontados: subjetivo e objetivo, uma sorte de estilo educativo empático intersubjetivo, tal como definimos anteriormente. Assim, em situações especialmente críticas, em sala de aula, o pedagogo/educador, ao mesmo tempo que capta cognitiva e afetivamente a realidade emocional alheia, deve por distância suficiente para que se possam tomar as decisões mais assertivas.

Com essas prevenções é muito mais fácil haver comunicação, compreensão e sintonização, igual ao processo educativo e orientador. Havia conta a transcendência de que os aspectos humanos, não só os fatores técnicos, tem nesses afazeres, é preciso que se trabalhem mais, tanto ao nível teórico como prático, nos planos de formação universitária. A afetividade, em particular, ocupa um lugar central na relação

inter-humana e assim como sua adequação pode facilitar o desenvolvimento intelectual e emocional do aluno ou orientando, se não se presta suficiente atenção ou se é inapropriada pode impactar negativamente no desenvolvimento do educando.

Por fim, é necessário expressar novamente o desejo de que este artigo, na medida em que contribua para o reconhecimento do significado que a afetividade tem na educação e na orientação, anime também a cultivá-la nos correspondentes programas universitários.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. A afetividade no desenvolvimento da criança: contribuições de Henri Wallon. **Inter-ação: Rev. Fac. Educ. EFG**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 2008. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/download/5271/4688>>.

BEIGHTOL, J.; JEVERTSON, J.; GRAY, S.; CARTER, S.; GASS, M. The Effect of an Experimental, Adventure-Based “Anti-Bullying Initiative” on Levels of Resilience: A Mixed Methods Study. **Journal of Experimental Education**; 31, 3, 420-424, 2009.

BEZERRA, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistemica**. V.4, p. 20-26, jul. /Dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redis/article/viewFile/1219/515>>.

CEREZO, F. Variables de personalidad asociadas en la dinámica bullying (agresores versus víctimas) en niños y niñas de 10 a 15 años. **Anales de Psicología** 17, 1, 37-43, 2001.

CORREIA, I.; DALBERT, C. School bullying belief in a personal just world of bullies, victims and defenders. **European Psychologist**. 13, 4, 248-254, 2008.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DREYER, L. Alfabetização: o olhar de Paulo Freire. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 10., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2011. p. 3588-3601. Disponível em: <[educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5217\\_2780.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5217_2780.pdf)>.

Fernández-Pinto, I., López-Pérez, B. e Márquez, M. (2008) Empatía: Medidas, teorías y aplicaciones en revisión. **Anales de Psicología**, 24, 284-298.

FORMIGA, N. S. Os estudos sobre afetividade: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científicas. **Psicologia.PT**, 2012. Disponível em: < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0639.pdf>>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Gibbs, J. C. (2010). *Moral Development and Reality: Beyond the Theories of Kohlberg and Hoffman*. Boston: Pearson Allyn & Bacon.

GLADSTEIN, G. Understanding empathy: Integrating counselling, developmental and social psychology perspectives. **Journal of counselling psychology**, 30, 467-482, 1983.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Barcelona: Kairós, 1997.

Hoffman, M. L. (1991). *Desarrollo moral y empatía*. Barcelona: Idea Books.

INFANTIL, Referencial Curricular Nacional da Educação, Formação Pessoal e Social, volume 2, Brasília MEC/SEF, 1998.

Hoffman, M. L. (1991). Empathy, social cognition and moral action. In W. M. Kurtines & J. L. Gewirtz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development* (pp. 65-87). New Jersey: LEA.

LACUNZA, A. B. Las habilidades sociales y el comportamiento prosocial infantil desde la psicología positiva. **Revista Pequén**, 2(1), 1–20, 2012.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LÓPEZ, M. B.; FILIPPETTI, V. A.; RICHAUD, M. C. Empatía: Desde la Percepción Automática hasta los Procesos Controlados. **Avances en Psicología Latinoamericana**, 32(1), 2013.

MARTÍNEZ-OTERO, V. Propuestas educativas derivadas de la teoría de la inteligencia unidiversa, **Revista Iberoamericana de Educación**, 50 (1), 1-11, 2009.

MENESINI, E.; CAMODECA, M. Shame and guilt as behaviour regulators: Relationships with bullying, victimization and prosocial behaviour. **British Journal of Developmental Psychology**, 26(2), 183-196, 2008.

Mestre, V., Pérez Delgado, E. y Samper, P. (1999). Programas de intervención en el desarrollo moral: razonamiento y empatía. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 31 (2), 251-270.

MILL, J. High and low self-monitoring individuals: Their decoding skills and empathic expression. **Journal of Personality**, 52, 372 – 388, 1984.

MOYA-ABIOL, L.; HERRERO, N.; BERNAL, M. C. “Bases neuronales de la empatía”, **Revista de Neurología**, 50 (2), 89-100, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. **Educação infantil: Fundamentos e métodos: A Construção Social da Criança**. São Paulo: Cortez, 2013. 187 p. Coleção docência em formação.

Ortega, R., Del Rey, R., and Mora-Merch´an, J. A. (2001). **Violencia entre escolares. Conceptos y etiquetas que definen el fenómeno del maltrato entre escolares**. **Revista interuniversitaria de Formación del Profesorado**, 41, 95–113.

PASSOS-FERREIRA, C. Seria a moralidade determinada pelo cérebro? Neuronios-espelho, afetividade e neuromoralidade. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 471-490, 2011.

PAUS, T. **Enciclopédia sobre desenvolvimento na primeira infância**. University of Toronto, Canadá. 2013. Disponível em: < <http://www.encyclopedia-crianca.com/cerebro> >. Acesso em: maio, 2020.

REPETTO, E. **Fundamentos de orientación: la empatía en el processo orientador**. Madrid: Morata, 1977.

RICHAUD DE MINZI, MARÍA CRISTINA ; LEMOS, VIVIANA e MESURADO, BELÉN . Relação entre a percepção dos filhos sobre o relacionamento parental e a empatia parental e o comportamento pró-social durante a infância. *Av. Psicol. Latinoam.* [conectados]. 2011, vol.29, n.2, pp.330-343. ISSN 1794-4724.

RODRÍGUEZ, R., SEOANE, A. Y PEDREIRA, J.L. **Niños contra niños. El bullying como transtorno emergente**, 2008. Disponível em: [http://elrefugio.net/index.php?option=com\\_content&task=view&id=245&Itemid=2](http://elrefugio.net/index.php?option=com_content&task=view&id=245&Itemid=2)

SALVI, Luciana Rita Bellincanta. O sujeito autônomo em Freire: contribuições à educação infantil. 2019.

SILVA, K. N. P.; SILVA, J. A. de A. da. "Accountability e intensificação do trabalho docente no Ensino Médio Integral de Pernambuco." *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 117-140, jan./jun. 2014

SMITHER, S. A reconsideration of the developmental study of empathy. **Human development**, 20, 253 – 276, 1977.

VYGOTSKY, L.S.. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. As origens do pensamento da criança. São Paulo: Manole, 1986.